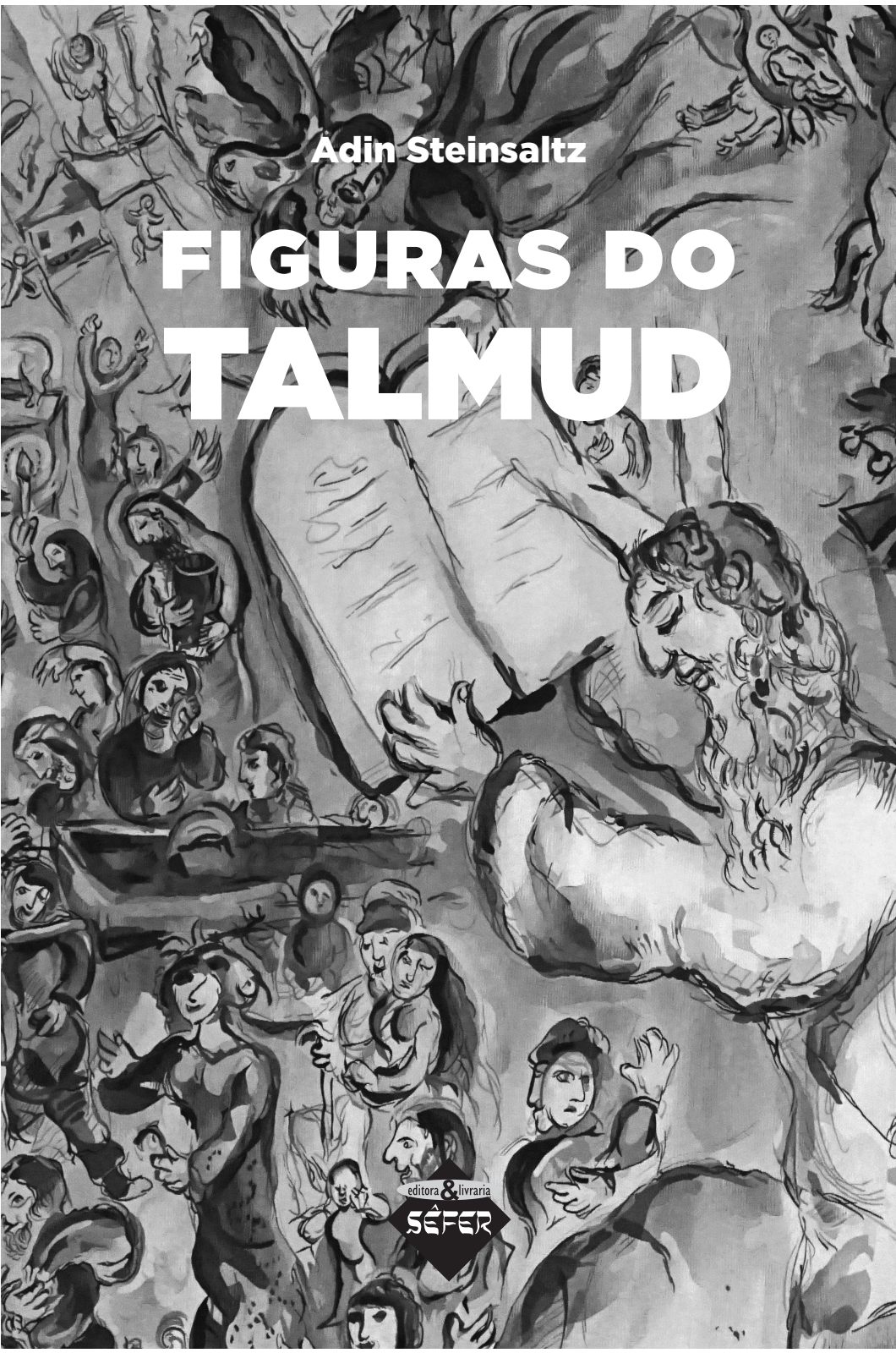




Adin Steinsaltz

FIGURAS DO TALMUD

Adin Steinsaltz (Even-Israel)

FIGURAS DO TALMUD

Título original em inglês: TALMUDIC IMAGES

Copyright © 1997, 2010 by Adin Steinsaltz

Direitos exclusivos de edição desta obra
em língua portuguesa cedidos à

EDITORA E LIVRARIA SÊFER LTDA.

Alameda Barros, 735 CEP 01232-001 São Paulo SP Brasil

Telefone: 11 3826-1366 – sefer@sefer.com.br

www.sefer.com.br

Tradução: Paulo Geiger

Revisão e Edição: Bernardo Lerer

Editor: Jairo Fridlin

Editoração Eletrônica: Editora Sêfer

Projeto gráfico e Capa: Dagui Design

Imagem da capa: Tapeçaria de Marc Chagall
(P. Spiro/Alamy Stock Photo)

Agradecimento: Rabino Meni Even-Israel

Nota: Na transliteração de palavras hebraicas,
adotou-se “ch” para o som de RR, como caRRo,
e “sh” para o som de CH, como em CHave.

איסור השגת גבול ידוע.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer
meio, sem a autorização expressa da Editora e Livraria Sêfer.

2019

ISBN 978-85-7931-0xx-x

Printed in Brazil

editora & livraria
SÊFER

Sumário

Sobre o autor	9
Nota do editor	11
Introdução	13
CAPÍTULO UM	
Hilel, o Ancião	15
CAPÍTULO DOIS	
Shamai, o Ancião	25
CAPÍTULO TRÊS	
Raban Iochanan ben Zacai	35
CAPÍTULO QUATRO	
Rabi Iehoshúa ben Chananiá	47
CAPÍTULO CINCO	
Rabi Eliézer ben Hircano	57
CAPÍTULO SEIS	
Elisha ben Abuiá	69
CAPÍTULO SETE	
Rabi Judá Hanassí (“Rabi”)	79

Sumário

CAPÍTULO OITO	
Rav	89
CAPÍTULO NOVE	
Samuel	97
CAPÍTULO DEZ	
Rabi Iochanan	105
CAPÍTULO ONZE	
Resh Lakish	115
CAPÍTULO DOZE	
Abaiê	123
CAPÍTULO TREZE	
Rav Ashi	133
APÊNDICES	
Glossário	141
Bibliografia anotada	153
Cronologia histórica	157

Sobre o autor



O rabino Adin Steinsaltz (Even-Israel) é professor, filósofo, crítico social e autor prolífico, considerado pela revista Time como “o erudito do milênio”. Seu trabalho de uma vida inteira dedicado à educação judaica valeu-lhe o Prêmio Israel, a mais elevada e prestigiosa honraria do Estado de Israel, em 1988.

Nascido em Jerusalém em 1937 de pais seculares, o rabino Steinsaltz estudou matemática, física e química na Universidade Hebraica de Jerusalém – simultaneamente aos estudos judaicos dirigidos ao rabinato. Após se formar, estabeleceu várias escolas experimentais, e aos 24 anos de idade tornou-se o mais jovem diretor de escola em Israel.

Em 1965, começou a fazer a monumental tradução do Talmud para o inglês cuja complementação foi comemorada em 2010 com a inauguração do Dia Global de Estudo Judaico, que se tornou um evento internacional anual em mais de 40 países.

Ao todo, o rabino Steinsaltz é autor de mais de 60 livros e de centenas de artigos sobre temas que vão de zoologia e teologia até comentário social. Sua obra clássica sobre a Cabala – A rosa de treze pétalas – foi publicada pela primeira vez em 1980, e até agora foi publicada em oito idiomas. Conhecido como um pensador original e de mente aberta,

ele tem proferido palestras e dado aulas em – literalmente – centenas de comunidades por todo o mundo.

Em seu trabalho como professor e mentor espiritual, o rabino Steinsaltz estabeleceu uma rede de escolas e instituições educacionais em Israel e na ex-União Soviética. Serviu como acadêmico em residência no Centro Woodrow Wilson para Estudos Internacionais, em Washington D.C., e no Instituto de Estudos Avançados da Universidade Princeton. Suas graduações honorárias incluem doutorados pela Yeshiva University (NY), Universidade Ben Gurion do Neguev, Universidade Bar Ilan, Universidade Brandeis e Universidade Internacional da Flórida.

O rabino Steinsaltz vive em Jerusalém com sua família.

Nota do editor

Este livro descreve um mundo muito distante do nosso, tanto espiritualmente quanto historicamente. Por isso, anexamos um glossário ao qual o leitor pode recorrer para uma explicação a respeito das palavras grafadas em itálico. Além disso, anexamos uma bibliografia anotada de todos os livros mencionados neste volume, e dois quadros cronológicos.

Nas notas de rodapé, as citações do Talmud Babilônio são precedidas pelo nome do Tratado, em itálico, seguido do número da folha e lado (a ou b). Os nomes de todas as outras fontes são citadas integralmente. As traduções [para o inglês do livro original] das citações do Talmud são baseadas no Talmud Soncino, exceto aquelas para as quais a tradução Steinsaltz estava disponível.

O prefácio e os capítulos de 1 a 6 foram traduzidos para o inglês – origem desta tradução para o português – por Yehudit Keshet; o capítulo 7, por Ditsa Shabtai, que também editou a tradução; e os capítulos de 8 a 13 por Faigie Tropper. Agradecimentos ao rabino Yehonatan Eliav, rabino Gershom Kitsis e Yechezkel Anis, por sua contínua e indispensável ajuda. Agradecimentos especiais a Margy-Ruth Davis pelos comentários perspicazes e, como sempre, sua ajuda.

Introdução

Os heróis da Torá Oral são um tipo especial de heróis. Suas histórias não são relatos de guerra e de batalhas, e suas crônicas, destituídas de eventos impressionantes. Esses heróis são heróis do espírito, cujos atos de heroísmo estão em seus pensamentos e palavras. Os palácios e as fortalezas que eles estabeleceram são invisíveis aos olhos.

Os próprios sábios talmúdicos declararam que é inapropriado erigir mausoléus nos túmulos desses eruditos, pois seus ensinamentos são seus monumentos. Mais do que isso, os livros criados por esses eruditos – a *Mishná* e o Talmud, a *Tossefta*, o *Midrash Halachá* e o *Midrash Agadá* – não pretendem, por natureza, contar a história de eruditos individuais. A preocupação principal deles é com ideias e pensamentos, debates e conversas dos sábios de Israel.

Assim, estes textos não nos dizem nada dos heróis daquele período, e até mesmo os eventos históricos são mencionados apenas de passagem. Além disso, uma tendência básica na literatura da Torá Oral é deixar as coisas numa espécie de “eterno presente”, no qual as ideias são o elemento permanente, enquanto a cronologia do tempo e das gerações tem significação apenas secundária. Isto não ocorre porque os sábios considerassem o conhecimento da história da nação e de seus eruditos algo sem importância. E que,

sim, esse tipo de informação não foi escrito ou organizado. Mesmo que ela estivesse registrada geralmente ficava relegada aos arquivos das grandes *ieshivót* [academias de estudo das Escrituras e da religião judaica]. Apenas poucos desses textos sobreviveram. Portanto, não surpreende que, apenas em tempos recentes, a história dos sábios da *Mishná* e do Talmud foi reunida a partir do material espalhado por toda a literatura da Torá Oral. Apesar dos grandes esforços de acadêmicos e eruditos, o que permanece desconhecido supera o que foi revelado.

No entanto, a literatura da Torá Oral, mesmo em suas partes mais técnicas, não é nem árida nem impessoal. As personalidades dos diferentes sábios e seus caracteres espirituais – e, às vezes, até mesmo os acontecimentos privados e triviais de suas vidas – emergem desse material aparentemente “legalístico”. O modo especial pelo qual essa literatura é editada – na forma de debates e discussões – produz figuras vívidas e humanas, personagens com os quais podemos nos relacionar, identificar e amar. Reunidos, os muitos detalhes encontrados nas várias fontes revelam as personalidades que produziram a Torá Oral, com toda a multiplicidade de tipos e as diferenças entre eles.

Este livro pouco volumoso não pretende prover a história dos sábios, nem descrever suas distintas escolas de pensamento. Tem a intenção de dar uma certa impressão, um esboço de personalidades como pensadores e eruditos e como seres humanos, os quais nós – assim como outros durante gerações – podemos ver diante de nós, vivos, ainda hoje.

CAPÍTULO UM

Hilel, o Ancião

Certamente, Hilel foi uma das mais versáteis e influentes figuras do período do Segundo Templo. Recebeu o título honorário de “O Ancião” em razão da dupla condição de chefe do Conselho dos Anciões e *Nassí* do Sinédrio. Nasceu na Babilônia,¹ veio para a Terra de Israel estudar a Torá. Aparentemente, voltou para a Babilônia, retornando depois à Terra de Israel. A família de Hilel descendia indiretamente da Casa de David.² Aos olhos das gerações que se seguiram, esta circunstância real elevou o status especial de seus filhos e descendentes. Em certo sentido, eram considerados representantes da monarquia judaica, mesmo em épocas de escravidão e opressão.

No entanto, o próprio Hilel veio para a Terra de Israel, menos como figura da realeza, e mais como alguém muito pobre. Embora tivesse um irmão muito rico na Babilônia (*Sotá* 23a), ele não quis se aproveitar da riqueza da família. Em vez disso, optou por uma vida de pobreza da Terra Santa, onde se viu obrigado a ganhar a vida como lenhador,³ ocupa-

1. É referido como “Hilel, o Babilônio”; *Sucá* 20a.

2. *Ketubót* 62b; TJ *Taanit* 4:2. Em *Kiláim* 9:3 diz-se explicitamente que ele não descendia da Casa de David pela linha paterna.

3. *Iomá* 35b. Sobre ser lenhador, ver comentário do Maimônides em *Pirkê Avót* 2:45.

ção que lhe permitia trabalhar somente metade do dia, deixando a outra metade livre para estudar. Além disso, as casas de estudo daquela época eram instituições semiprivadas que cobravam uma taxa de inscrição, de modo a excluir pessoas que não estivessem seriamente interessadas em estudar. Assim, dos já magros proventos, Hilel ainda deduzia considerável quantia para pagar ao zelador do *bet midrash*.

Sabemos que Hilel fez os estudos básicos na Babilônia, onde já era considerado um erudito. Na Terra de Israel tornou-se aluno dos dois mais destacados eruditos da época: Shemaia e Avtalion. Parece que ambos reconheceram sua grandiosidade, embora haja dúvidas que outros tivessem a mesma opinião. A ascensão de Hilel para a fama e para a grandeza ocorreu anos depois, de repente, como resultado de um acontecimento raro, em que a véspera de *Pêssach* caiu num *Shabat*. Isso criou uma situação nova, para a qual, naquela época, não havia uma solução haláchica conhecida, e mesmo os principais cultos de então foram incapazes de resolver os problemas provocados por essa especial coincidência. Ficou claro que Hilel era a única pessoa com o conhecimento e a capacidade necessárias para achar uma solução haláchica. Numa atitude sem precedentes, os chefes do Sinédrio, da família Benê Batira, renunciaram ao posto, designando Hilel para seu lugar (*Pessachim* 66a; TJ *ibid.*, 6:1). Por esta razão, os Benê Batira estão entre as personalidades de fato humildes da história judaica, pessoas que renunciaram à sua posição e status em benefício de quem lhes parecia ser mais adequado à função.⁴

4. *Bava Metsia* 85a. Eles são: *raban* Simão ben Gamliel, os Benê Batira e Jônatas, o filho

A ascensão oficial à posição de chefe do Sinédrio foi, na época, o reconhecimento formal de que ele era, na verdade, o maior e mais destacado estudioso de sua geração. Mas isso nunca foi explicitado. Sabemos muito pouco a respeito de Hilel antes de ser designado para a liderança do Sinédrio assim como dos outros sábios daqueles dias. Era uma época na qual os eruditos ainda lutavam para ter uma opinião comum no *bet midrash*. É por isso que a maioria das decisões haláchicas são anônimas e chamadas simplesmente de “regras dos sábios de Israel”. Opiniões dissidentes e as personalidades individuais dos próprios sábios, são postas de lado em favor de um consenso majoritário.

Mas, do pouco que sabemos desses eruditos e sua contribuição para a *halachá*, parece que o próprio Hilel fundou – ou ao menos desenvolveu – um novo método de estudo. Foi o primeiro a organizar sistematicamente as regras do *Midrash Halachá* e a usá-las de modo consistente para esclarecer e resolver questões haláchicas. O *Midrash Halachá* existia antes da época de Hilel, mas não de forma sistemática ou padronizada. Hilel foi pioneiro em articular regras gerais para o *Midrash Halachá*, as quais, ainda que tenham passado por certo número de redefinições ao longo de gerações, são, essencialmente, as regras básicas do *Midrash Halachá* hoje conhecidas.

Os “Sete Princípios” do *Midrash Halachá* que Hilel ensinou aos Benê Batira (ver *Tossefta Pessachim* 7:11) também constituem a base dos Treze Princípios da Exposição Tal-

do rei Saul. E, no TJ *Pessachim* 6:1, o rabi Elazar ben Azariá no lugar do *raban* Simão ben Gamliel.

múdica das escrituras, formulados mais tarde pelo rabi Ismael (introdução à *Sifra*).

No entanto, além do campo do estudo e aprendizado, o impacto maior de Hilel é mais evidente nas mudanças de longo alcance que introduziu na vida pública da nação judaica. Ele criou um status especial para o *Nassí* do Sinédrio, usufruído por seus descendentes por mais de quatrocentos anos – uma das mais longevas dinastias jamais conhecidas na história das nações.

O período de Hilel, que coincide em grande parte com o do rei Herodes, não foi fácil do ponto de vista do papel e da influência da liderança judaica. Naquele tempo, o rei de Judá, ou Judeia, deixou de expressar a vontade do povo judeu, tornando-se, aos poucos, um governante estrangeiro mais ou menos tolerado. O sumo sacerdote também se transformara em um mero funcionário religioso. Hilel formatou uma nova função para o *Nassí* do Sinédrio, o de líder nacional, tendo como modelo o papel e o status de Moisés – ou seja, o *Nassí*, líder espiritual da nação, o de uma figura preeminente em quase todos os aspectos da vida. Assim como Moisés, Hilel viveu até a propecta idade de 120 anos (*Sifrí*, Deuteronômio 357). Dois outros sábios alcançaram essa idade: o excepcional discípulo de Hilel, *raban* Iochanan ben Zacai, e o rabi Akiva (*Sucá* 28a) – cada um dos quais, por sua vez, foi, como Hilel, o pilar central do povo judeu. Por meio deles a tradição judaica foi transmitida e reformata para sua época e para as gerações seguintes. De fato, Hilel tornou-se uma figura tão essencial que o poder de seus filhos, e depois deles dos filhos de seus filhos – alguns dos

quais, por mérito próprio, foram grandes homens– em razão de serem seus descendentes.

Hilel foi famoso por amar a humanidade, e mais ainda porque considerava a singularidade de toda pessoa que encontrava e a capacidade de se dirigir a quem se aproximava dele da maneira a mais apropriada para cada pessoa. Uma expressão interessante dessa conduta ideal foi a tentativa de resumir a Torá enquanto “apoiado numa perna só”:⁵ “Não faça aos outros o que não quiser que façam a você.” Esta formulação em forma de negação da passagem bíblica “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Levítico 19:18), expressa da forma mais adequada possível a noção de que cada um de nós tem qualidades únicas e, portanto, não se pode julgar os outros pelos mesmos critérios com que se julga a si próprio.

O versículo “Mas lhe abrirás tua mão [i.e., a teu irmão pobre] e lhe emprestarás o suficiente para o que lhe faltar” (Deuteronômio 15:8) foi interpretado pelos nossos sábios como significando que aquele que necessita de algo [por exemplo, um homem rico que ficou pobre] deveria ser provido “até mesmo de um cavalo e uma carruagem, até mesmo de um escravo para correr à sua frente” (*Ketubot* 67b). Diz-se que Hilel cuidou de uma pessoa assim, empobrecida depois de ter sido muito rica, provendo-lhe de um cavalo e uma carruagem e de um escravo para correr à sua frente.

5. *Shabat* 31a: “Em outra ocasião, aconteceu que um certo gentio se apresentou a Shamai e lhe disse: ‘Converte-me ao judaísmo contanto que me ensine toda a Torá enquanto fico de pé sobre uma perna só.’ Então Shamai o afastou com um cúbito [ferramenta de construtor] que tinha na mão. O gentio se apresentou a Hilel que lhe disse: ‘O que for ruim para você, não faça a seu próximo: isto é toda a Torá, o resto é comentário; vai e estuda.’”

Uma vez, quando não conseguiu encontrar um escravo para essa tarefa, o próprio Hilel correu à frente da carruagem do pobre homem, anunciando que fulano de tal estava prestes a passar por aquela rua. Mais do que demonstrar a humildade de Hilel, esta história enfatiza sua percepção de que, para certas pessoas, respeito e honra são tão essenciais como comida e bebida são para outras. Hilel, que pessoalmente se bastava com muito pouco, compreendeu que outras pessoas vivem segundo padrões diferentes. Ele, que de tão modesto ninguém conseguia o abalar, sabia que para ter paz de espírito aquele homem específico precisava de um escravo que corresse à sua frente declarando que o grande fulano de tal estava passando agora pela rua.

O Talmud conta uma deliciosa história a respeito dele:

Certa vez um homem fez uma aposta: quem conseguisse fazer Hilel ficar com raiva ganharia 400 *zuz* (uma grande quantia). Alguém disse: “Vou irritá-lo.” Era véspera de *Shabat*, e Hilel lavava a cabeça. O homem foi, entrou na casa de Hilel e gritou: “Hilel está aqui? Hilel está aqui?” Hilel vestiu um roupão e foi ao encontro dele: “Meu filho, do que você precisa?” “Tenho uma pergunta a fazer” – disse ele. “Pergunte, meu filho” – respondeu Hilel. O homem: “Por que as cabeças dos babilônios são redondas?” “Meu filho, você fez uma grande pergunta” – e disse: “É porque as parteiras deles não são muito aptas.” O homem foi embora, parou, voltou e gritou: “Hilel está aqui? Hilel está aqui?” Hilel tornou a vestir o roupão: “Meu filho, do que você precisa?”

“Tenho uma pergunta a fazer” – disse ele. “Pergunte, meu filho” – respondeu Hilel. O homem: “Por que os olhos dos naturais de Palmira são turvos?” “Meu filho, eis uma grande pergunta” – e respondeu: “É porque eles vivem em lugares onde há muita areia.” O homem foi embora, parou, voltou e gritou: “Hilel está aqui? Hilel está aqui?” Hilel tornou a vestir o roupão e disse: “Meu filho, do que você precisa?” “Tenho uma pergunta a fazer”. “Pergunte, meu filho” – respondeu Hilel. O homem: “Por que os pés dos africanos são largos?” “Meu filho, você fez uma grande pergunta” – e respondeu: “É porque eles vivem em pântanos.” “Tenho muitas perguntas a fazer” – disse ele – “mas temo que você possa ficar com raiva.” Hilel se vestiu, sentou-se diante dele e disse: “Faça todas as perguntas que tem a fazer.” “Você é o Hilel que é chamado de *Nassí* de Israel?” “Sim” – respondeu. “Se é você” – replicou o homem – “não devem existir muitos como você em Israel?” “Por que, meu filho?” – perguntou Hilel. “Porque perdi 400 *zuz* por sua causa” – reclamou. “Cuidado com seus humores” – ele respondeu. “Hilel vale que você perca 400 *zuz* e mais 400 *zuz* por causa dele, mas Hilel não vai perder a calma.” (*Shabat* 31a)

A crença de Hilel na individualidade de cada pessoa reflete-se também em sua metodologia haláchica, e em grande medida também na de seus seguidores, o *Bet Hilel*. Isso não se expressa necessariamente em um conceito haláchico claramente definido. O que, sim, define a capacidade de

ser flexível em relação a certos problemas, de distinguir os princípios gerais da verdade e também as exceções à regra – distorções e mudanças que ocorrem frequentemente ou excentricidades individuais – e de lidar com elas.

Há muitos relatos a respeito da humildade e a paciência de Hilel⁶ e acerca do humor em seus ditos e hábitos. Parte de sua enorme paciência deriva da capacidade de ser muito realista sem ser demasiadamente sério. Era capaz de ver o lado cômico e agradável nas pessoas e situações. Aquele homem que viera até Hilel numa hora inconveniente não conseguiu irritá-lo (perdendo a aposta) e ganhou uma coletânea de respostas provocadoras às suas perguntas. Ainda assim, apesar de sua agudeza, essas respostas são verdadeiras e expressam uma ideia interessante: a diversidade racial não resulta de diferenças essenciais, mas geralmente de circunstâncias e condições. Além do mais, aquele homem desconhecia o fato de que Hilel era capaz de enxergar através das pessoas. Hilel com certeza estava ciente de que aquele sujeito queria aborrecê-lo, e o fizera perder a aposta de propósito. Sua retidão e humildade não se originavam de uma mera simplicidade ou inocência; eram acompanhadas de pensamento claro e, às vezes, de humor.

Os muitos ditos de Hilel no *Pirkê Avót* (1:12-14, 2:4-7) tornaram-se, cada qual em um contexto diferente, pedras fundamentais no pensamento judaico. Juntos, expressam a complexidade da personalidade de Hilel e seu ponto de vista religioso. Por um lado, havia simplesmente a devoção

6. *Shabat* 30b; *Ketubót* 87b; *Betsá* 20a (e *ibid.*, Rashi); *Shabat* 17a (e *ibid.*, Rashi); *Sotá* 48b; *Vaicrá Rabá* 1:5, e mais.

dele às *mitsvót*, como se observa nas histórias de Hilel no Templo;⁷ por outro, vemos a amplitude de sua visão abrangente, que considera a mudança parte da natureza de nosso mundo. Hilel era capaz de ver o resultado, seja recompensa ou punição, de uma dada sequência de ações. Podia ver a direção de certas ambições e, portanto, quais avaliações e compensações seriam requeridas. Todas essas coisas eram parte de sua filosofia como um todo. Não precisava expressá-las constante e explicitamente, porque para ele, integravam o tecido de que é feita a realidade, a mesma realidade de sua vida pessoal.

A vida de Hilel foi cheia de bruscas transições. Veio de uma família nobre na Babilônia para a Terra de Israel, onde primeiro viveu na pobreza, para depois se tornar o governante e líder de Israel. Essas mudanças de status e de lugar, de um mundo para outro, formaram a complexa abordagem de Hilel do mundo ao seu redor. Ele misturava uma linguagem elevada a simples provérbios populares, histórias extraídas da vida, e descrições da realidade cotidiana. Ao conceber e estabelecer o status dos sábios da Torá, se criou uma nova aristocracia também foi o primeiro a tentar romper os muros do *bet midrash*, tornando-o mais aberto e acessível a todos. Foi ele quem aboliu taxas de matrícula

7. *Sucá* 53a: “Conta-se de Hilel, o Ancião que quando ele se alegrava em *Simchat Beit Hashoevá* [uma cerimônia celebrada no Templo durante a festa de *Sucót*, com muita alegria], costumava recitar: “Se estou aqui, todos estão aqui; mas se não estou aqui, quem está aqui?” E também: “Para o lugar que amo, é para lá que Meus pés Me levam. Se você vier à Minha Casa, eu irei à tua casa; se você não vier à Minha Casa, não irei à tua casa, como está dito: ‘Em todo lugar em que Eu fizer recordar Meu nome, virei a ti e te abençoarei’ (Êxodo 20:21).” (Os pronomes com iniciais maiúsculas nesta passagem referem-se à Presença Divina.)

e mensalidades, para facilitar o estudo da Torá aos pobres, pois, dizia, é deles “que emana a Torá” (*Nedarim* 81a, não citado como sendo de Hilel). A criação de uma aristocracia baseada no mérito do estudo da Torá, a admirável devoção combinada com a capacidade de se relacionar com todos os seres humanos – foram as características definidoras de Hilel, o Ancião.

CAPÍTULO DOIS

Shamai, o Ancião

Shamai era conhecido como “o Ancião” não por sua idade, mas porque, como Hilel, era sábio, erudito e líder comunitário. O título era equivalente ao de “rabi”, que então ainda não era usado. Assim, Shamaï, o Ancião, era um líder da comunidade e um dos sábios daquela geração, bem como um membro do *Sinédrrio*.

A *Mishná* relata que Shamaï foi nomeado *Av Bet Din* em lugar de Menachem, figura misteriosa de quem sabemos apenas que abandonou o mundo do estudo da Torá por outro campo de atividade (*Mishná, Chaguigá* 2:2).

No *Pirkê Avót* (1:4-12) lemos a respeito das duplas que transmitiam a tradição oral de geração em geração; Shamaï e Hilel formaram a última dessas duplas. Hilel era *Nassí* do Sinédrrio enquanto Shamaï foi seu vice e conhecido como o *Av Bet Din*. Entre os *Nessiím* e seus vices frequentemente havia disputas.¹ Isso parece indicar que o *Nassí* e seu vice não debatiam como indivíduos, mas como representantes de diferentes escolas de pensamento, ou talvez visões do mundo, das quais hoje não temos conhecimento. No período de Hilel e Shamaï os debates imprecisos das gerações anteriores atingem um clímax, quando surgem duas distintas escolas de pensamento, cada uma desenvolvendo uma abordagem independente ao estudo da Torá e à *halachá*.

1. *Mishná, Chaguigá* 2:2 registra uma disputa em relação à imposição de mãos (*semichá*) sobre animais sacrificados nas festas judaicas.

Glossário

Agadá: Gênero que inclui uma variedade de histórias e comentários sobre heróis da Bíblia e outras figuras históricas judaicas, parábolas, aforismos e homilias, encontrados no Talmud e no *Midrash*.

Amorá (pl. *amoraím*): Sábio talmúdico desde após o período tanaítico até a redação final do Talmud (220-500 e.c.) Os *amoraím* interpretaram as declarações dos *tanaím* e as expandiram.

Av Bet Din: O homem mais importante no Sinédrio, inferior apenas ao *Nassí*; presidente do *Bet Din* (e vice do *Nassí*).

Avót Derabi Natan: Pequeno tratado do Talmud, espécie de *Tossefta* ou *baraita* ao *Pirkê Avót*, atribuído ao rabi Natan, o Babilônio.

Bar Cochba: Simão bar Cochbá (conhecido como Bar Coziva), líder da Grande Revolta. O rabi Akiva, e muitos outros, pensaram que ele fosse o Messias.

Baraita (pl. *baraitot*): Compilações da *halachá* não incluídas na *Mishná*.

Bet Din: Tribunal rabínico.

Bet Hilel: Os alunos e os alunos dos alunos de Hilel, o Anção (ver capítulo 1). Viveram nas últimas gerações da Era

Bibliografia anotada

Aruch: Abrangente léxico em ordem alfabética do Talmud e do *Midrash*, contendo um dicionário e extensas explicações, fontes e comentários, principalmente do período gueônico. Foi escrito pelo rabi Natan ben Iechiel de Roma (c. 1035-1106). Tem sido amplamente usado ao longo dos tempos por estudiosos judeus no mundo inteiro.

Avót Derabi Natan: Ver Glossário.

Maimônides: Comentário da Mishná: um dos mais importantes comentários da *Mishná*, escrito pelo rabi Moisés ben Maimon (Maimônides), o maior sábio judeu da era medieval (1138-1204). Escrito originalmente em árabe, entre 1161 e 1168.

Maimônides: Iad Hachazacá: Ver Glossário.

Meguilat Taanit: Ver Glossário

Midrash Rabá (sobre o Pentateuco e os cinco Rolos): Coleção de *Midrash Agadá* editados em vários períodos e juntados num só livro pelos impressores. Com o tempo, tornou-se imensamente popular entre os estudiosos assim como entre as pessoas comuns. Muitos e importantes comentários foram escritos sobre ele.

Midrash Shocher Tov: *Midrash Agadá* sobre os Salmos. A data e o lugar de sua composição são desconhecidos.